

OS PROFESSORES DA EJA FACE À DIVERSIDADE ETÁRIA DISCENTE EM SALA DE AULA

1

Giselle Maria Barbosa Braga

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar como os professores da Educação de Jovens e Adultos lidam com a diversidade etária em uma mesma sala de aula. Através de pesquisa bibliográfica procura-se conhecer o perfil do jovem e do idoso e entender as motivações que os levam a buscar escolarização em um curso de EJA. A partir da realização de uma pesquisa de campo de análise qualitativa procura-se investigar como a questão da diversidade etária é tratada na EJA e como os professores entrevistados trabalham com faixas etárias tão discrepantes em uma mesma sala de aula. Os dados coletados revelam que a heterogeneidade etária é um desafio para o trabalho docente. Os professores afirmam que lidar com a diversidade etária é muito difícil, o que exige melhor preparação das aulas e seleção do material didático que será utilizado a fim de suprir tanto a necessidade do aluno mais jovem quanto do aluno com mais idade. Constata-se que a diversidade, não somente a etária, mas a social, cultural, étnico-racial, sexual entre outras, exige do educador dessa modalidade uma formação específica e continuada.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos; Jovem; Idoso; Diversidade etária.

INTRODUÇÃO

O ponto de partida para essa investigação foi a diversidade presente nas classes de Educação de Jovens e Adultos. Após um período de observação das aulas de EJA em uma instituição particular de ensino localizada na cidade de São Paulo, nota-se o quanto esta modalidade de ensino atende a um público diversificado e heterogêneo.

Vóvio (2010) caracteriza da seguinte maneira os agrupamentos nas salas de aula de EJA:

O que se pode afirmar é que formam um grupo bastante heterogêneo, tanto no que diz respeito aos ciclos de vida em que estão, as suas biografias e identidades, as suas disposições para aprender, as suas necessidades formativas, como em relação às representações sobre o ler e escrever, os conhecimentos e as habilidades construídos em suas experiências de vida. (VÓVIO, 2010, p.68)

Dentre as diversidades que se apresentam nas salas de EJA, a diversidade etária me incitou a questionar como os educadores trabalham com essa questão, se estão preparados para atender jovens e idosos, alunos com especificidades e motivações diferentes entre si, e que freqüentam o mesmo ambiente escolar.

Nesse sentido, este trabalho analisou por meio de pesquisa empírica, como os professores de Educação de Jovens e Adultos lidam com faixas etárias tão discrepantes em uma mesma sala de aula, especificamente alunos jovens e idosos, e se estão preparados para atender as diferentes necessidades e expectativas em relação à educação.

Desta maneira, procurou-se conhecer quem são os jovens e idosos que estão freqüentando as classes de EJA, suas características, assim como compreender as necessidades específicas de cada grupo e as motivações que os levam de volta, ou até mesmo a ida pela primeira vez a uma instituição educacional.

Através de uma pesquisa empírica realizada com professores que atuaram e atuam na Educação de Jovens e Adultos, buscou-se analisar como esses educadores trabalharam com a heterogeneidade etária nas salas de EJA. Analisaram-se as estratégias que os professores utilizavam para trabalhar com a diferença etária, bem como o ponto de vista desses educadores em relação ao tema em questão.

1. A EJA cada vez mais jovem

A presença de alunos jovens na Educação de Jovens e Adultos tem aumentado cada vez mais ao longo dos anos, e com isso alterado a

configuração de um sistema anteriormente pensado para o atendimento ao público adulto.

A crescente inserção de jovens nas classes de EJA se deve primeiramente à redução da idade legal para o ingresso no Ensino Fundamental da EJA de 18 para 15 anos de idade, o que é proposto pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) n.9394/96, e em seguida a fatores ligados ao fracasso escolar ocorridos no ensino regular:

O rejuvenescimento dos alunos é fato pontuado por pesquisas recentes realizadas no campo da Educação de Jovens e Adultos, atribuído à perda de qualidade do ensino regular e, mais recentemente, ao rebaixamento de idade para os exames supletivos, proposto pela LDB no 9394/96, por meio da qual surge o que tem sido denominado de supletivização do ensino regular. (SILVA, 2007, p.18)

A falta de uma educação de qualidade contribui para que situações de fracasso e repetência ocorram, fazendo com que os jovens abandonem a escola regular, migrando para a EJA. Embora tenha o acesso facilitado ao ensino fundamental, alguns jovens não se identificam com o espaço e com o currículo que a escola oferece:

Além das dificuldades de acesso e permanência na escola, os jovens enfrentam a realidade de instituições públicas que se orientam predominantemente para a oferta de conteúdos curriculares formais e considerados pouco interessantes pelos jovens. Isso implica em dizer que as escolas têm se apresentado como instituições pouco abertas para a criação de espaços e situações que favoreçam experiências de sociabilidade, solidariedade, debates públicos e atividades culturais e formativas de natureza curricular ou extra-escolar. (CARRANO, 2007, p.60)

Existe, portanto, um novo tipo de exclusão educacional, pois se antes as crianças não podiam freqüentar a escola por ausência de vagas, atualmente ingressam na escola, mas não aprendem e dela são excluídas antes de concluírem seus estudos. (HADDAD; DI PIERRO, 2000, p. 126)

A relação desses jovens com a escola tornou-se, portanto, conflituosa devido a sucessivos períodos de fracassos. São alunos que foram categorizados como repetentes, com baixo rendimento escolar, indisciplinados e que não poderiam mais dividir o mesmo espaço com crianças pequenas.

Outra justificativa para essa nova demanda está na entrada precoce no mercado de trabalho, uma característica da juventude contemporânea. “O aumento das exigências de instrução e domínio de habilidades no mundo do trabalho se tornou um dos principais fatores a direcionar os jovens para os cursos de suplência” (DI PIERRO; JOIA; RIBEIRO, 2001, p.65). Com a necessidade de trabalhar, os jovens que deixaram a escola, buscam nos cursos de EJA a instrução da qual são cobrados.

2. Os idosos nas classes de EJA

Outro grupo identificado nas classes de EJA e que será analisado quanto às suas características e especificidades são os idosos¹. Para Silva (2010), é preciso considerar que atualmente verifica-se um número significativo de pessoas com mais idade matriculadas nas turmas de Educação de Jovens e Adultos.

Para Coura (2007), a criação do Estatuto do Idoso, que garante uma melhoria na qualidade de vida das pessoas com mais de 60 anos, contribui para que o idoso venha a ocupar os bancos da EJA atualmente. A autora ainda afirma que a gratuidade nos transportes públicos² incentiva tais pessoas a buscarem os cursos de EJA, já que para alguns ter que gastar com o deslocamento casa-escola comprometeria seu orçamento e afastaria mais uma vez esse sujeito da escolarização. (2007)

Além da criação do Estatuto do Idoso, o direito ao acesso e a continuidade dos estudos é assumido em compromisso coletivo na V Conferência Internacional de Educação de Adultos (CONFINTEA), realizada no ano de 1997 em Hamburgo. Na Conferência foi proclamado o direito de todos à educação continuada ao longo da vida, o que de acordo com Di Pierro (2005), até então no Brasil, não havia consenso em torno do tema. Recentemente, a VI CONFITEA realizada no ano de 2009 em Belém do Pará, reafirma através do documento “Marco de Ação de Belém” o compromisso no fortalecimento do direito à educação ao longo da vida para todos.

¹ De acordo com o IBGE, são consideradas idosas pessoas com 60 anos ou mais de idade

² Pessoas acima dos 65 anos possuem gratuidade nos transportes públicos assegurada nacionalmente através do Artigo 39 do Capítulo X do Estatuto do Idoso.

Não é só com a intenção de obter um emprego melhor, uma qualificação mais apropriada, que os idosos voltam à escola. Voltar às aulas é poder saciar a vontade de aprender que lhes fora negada quando mais jovem. As privações que sofreram, seja por terem que sair para trabalhar ainda muito jovens, ou por falta de escolas públicas, levaram esses sujeitos a uma condição de excluídos (COURA, 2007).

Quando decidem retornar ou até mesmo ir pela primeira vez à escola, as pessoas de mais idade encontram alguns desafios a serem enfrentados. Conforme explica Coura (2007) muitos se sentem preocupados e com medo devido ao preconceito social com os idosos. Nessa direção, notamos a existência de alguns mitos referentes à educação de idosos.

Neri e Cachioni (1999, p.123) destacam que “um ponto de vista muito comum é o de negar a educabilidade dos mais velhos, com base em argumentos fundados nos estereótipos de velhice incapaz, doentia e improdutiva”. Verifica-se ser comum ligar o a imagem do idoso a estereótipos como incapaz, inútil e improdutivo. O professor que trabalha com esse aluno deve superar esses estereótipos para que não reproduza uma imagem de idoso que não condiz com a realidade.

É preciso também conhecer suas características, suas limitações. Santos e Sá (1999) observam que na velhice as pessoas já não possuem a mesma acuidade visual e auditiva, estão mais propensas a se distraírem facilmente, são mais exigentes com os outros e consigo mesmas, e não conseguem produzir atividades que provoquem competição de aprendizagem. As autoras ainda ressaltam a importância de se criar condições para que o aluno idoso participe ativamente do grupo, cuidando para que a convivência com as outras pessoas possa ser a mais saudável possível. É importante que o professor saiba que:

Para o idoso, a experiência é fator relevante para tudo que lhe é proposto. Quase sempre, o aluno tem “uma história para contar”, uma vivência associada ao conteúdo que está sendo apresentado pelo o professor. As atividades propostas precisam favorecer as colocações do aluno, e o professor deve estar preparado para realizar as associações entre o conteúdo e as experiências relatadas. (SANTOS; SÁ, 1999, p. 94)

Considerando as características dos alunos idosos nota-se a preocupação com as atividades propostas para esse grupo. Evitar o fracasso, o

sentimento de exclusão ou de baixa autoestima é um cuidado que se deve ter no trabalho com esses alunos.

Embora freqüentar uma sala de aula implique enfrentar desafios, preconceitos e limitações, estudos revelam que a educação é um dos meios de vencer os desafios impostos aos idosos pela idade e pela sociedade, proporcionando o aprendizado de novos conhecimentos e oportunidades para alcançar o bem estar físico e emocional. (NERI; CACHIONI, 1999)

3. O professor e a diversidade etária nas classes de EJA

Para conhecer como o professor lida com a diversidade etária nas classes de EJA, foi necessário realizar uma pesquisa empírica ou de campo. Em função do pouco tempo disponível da autora deste trabalho, optou-se por fazer uma entrevista com 4 (quatro) professores com experiência em EJA. A entrevista teve uma única pergunta: “Como o professor lida com a diversidade etária nas classes de EJA” e as respostas foram gravadas e depois transcritas, mantendo a fala dos professores. Tendo como base a ética, será preservada a identidade dos sujeitos entrevistados utilizando os nomes fictícios Isabel, Raquel, Ana e Pedro.

Isabel, Raquel e Pedro são professores universitários, mas já trabalharam como professores de EJA, atuando no segundo segmento do ensino fundamental (6º ao 9º ano). Já Ana é coordenadora e professora de um curso privado de alfabetização e educação de jovens e adultos, atuando no primeiro segmento do ensino fundamental (1º ao 5º ano).

Ao perguntar “como o professor lida com a diversidade etária nas classes de EJA” nota-se que todos os professores entrevistados acreditam que se trata primeiramente de um trabalho difícil de ser realizado. Raquel, lembrando do tempo em que era professora de EJA afirma que:

Mas o que eu percebia na época, eu concomitantemente a esse trabalho, eu continuava dando aula na faculdade (...) uma coisa que eu percebi logo no começo e que isso foi sendo reafirmado ao longo do tempo é o quanto era trabalhoso pra eu preparar os meus encontros com eles, que era duas vezes por semana, e que me dava muito mais trabalho preparar as aulas para aquele grupo tão heterogêneo, do que as aulas pra faculdade. Era muito mais tranqüilo para eu trabalhar com os alunos da faculdade do que eu trabalhar com aquela diversidade (...) a motivação do por que, o que levou a voltar ou

a continuar nos estudos no curso de EJA, as motivações, as faixas etárias, o significado em si que tinha pra cada um deles voltar a estudar ou continuar estudando e as faixas etárias muito diferentes, era um trabalho muito difícil. (RAQUEL)

Verifica-se que para os entrevistados é difícil lidar com a heterogeneidade etária e conseqüentemente com ritmos de aprendizagens, expectativas e motivações diversas em uma mesma sala de aula. Em suas experiências como professores de EJA, os entrevistados perceberam que essa dificuldade se tornou um desafio para o trabalho docente. Essa questão fica evidente na fala do professor Pedro:

O fato de nas salas de aula de educação de jovens e adultos nós encontrarmos pessoas relativamente jovens, embora fora daquele tempo correto que deveriam ter feito a sua escolaridade, ao lado de pessoas por vezes bastante idosas que também não cumpriram a sua escolaridade no tempo oportuno, eu julgo que seja um grande desafio do professor em sala de aula (...) Esse desafio era enorme por razões óbvias. Muitas pessoas idosas não tinham mais psicomotricidade pra pegar no lápis, na caneta, no pincel para ir até o quadro, à lousa, e os outros mais jovens tinham essa destreza. Por outro lado, nós notávamos que às vezes alguns jovens se antecipavam às respostas formuladas aos mais idosos gerando com certeza maior timidez para quando eles deveriam responder alguma pergunta, então esse é o grande desafio, como é que nós resolvemos isso, nós tivemos que conversar particularmente com aqueles mais jovens para que eles em hora mais oportuna respondessem quando perguntados, não atropelando a resposta dos mais idosos. E junto aos mais idosos é, formular perguntas, formular textos e formular questões bem compreensíveis ao nível que eles estavam enfrentando. (PEDRO)

O desafio está na necessidade de se preparar aulas e materiais adequados à heterogeneidade das turmas, em construir um ambiente que atenda às demandas tanto dos mais jovens quanto dos mais adultos, como enfatiza a professora Isabel: “eu tinha que selecionar um conteúdo, selecionar o material que atendesse a todas as faixas ali do grupo”.

Enfrentar a heterogeneidade é, portanto, um desafio cotidiano para a prática pedagógica de professores e professoras que atuam nessa modalidade. (SAMPAIO, 2010). Abaixo, mais um trecho da entrevista em que a professora Isabel relata sua dificuldade na preparação das aulas e na seleção do material didático:

Eu não podia usar um material, assim que complicasse a vida dessas pessoas que estavam muito tempo sem estudar e ao mesmo tempo eu tinha que colocar alguma coisa que atendesse a todos de uma maneira geral (...) antes tem que preparar bem as aulas, conhecer bem a turma, e ainda assim, eu tinha dificuldades pra selecionar o material, então era bem difícil. Conforme o conteúdo que era aplicado, era bem difícil. Eu tinha que a todo momento mudar aquele material, um outro texto, menos complicado, mas também não poderia ser muito fácil por causa dos mais jovens. (ISABEL)

A presença de alunos com faixas etárias tão discrepantes em uma mesma sala de aula requer dos educadores um cuidado especial na preparação das aulas e na seleção do material utilizado, visando sempre atender as diferentes necessidades de cada grupo.

A preocupação com o material, que segundo a professora Isabel tinha que ser trocado a todo tempo pois não poderia ser muito fácil devido aos mais jovens, nos revela que de fato a juvenilização da EJA tem modificado esse espaço antes direcionado a adultos, e provocado demandas de novas formas de atuação metodológica e de conteúdos (CARVALHO, 2010).

No processo de análise, nota-se também que a convivência entre os jovens e as pessoas idosas pode ser conflituosa. Como já citado no relato do professor Pedro, tais conflitos se tornam mais um desafio para o educador em sala de aula. Cabe ao professor a tarefa de administrá-los:

Em termos de manejo da sala de aula eu tinha que administrar conflitos entre eles porque as pessoas mais velhas se irritavam, por exemplo, com as brincadeiras dos mais jovens, aquilo que numa classe só de jovens é natural (...) as pessoas de mais idade se incomodavam tremendamente com o barulho da sala, com aquele movimento natural do jovem, então algumas vezes a gente tinha situações que precisava parar, precisava conversar, tal. (RAQUEL)

O jovem possui a característica de fazer várias atividades simultaneamente, como conversar e fazer as atividades escolares (SILVA, 2010). Já o aluno idoso necessita de foco, pois está propenso a distrair-se facilmente, sendo comum “perder o fio da meada” (SANTOS; SÁ, 1999). Em outro trecho da entrevista, Raquel diz que “o professor não pode negligenciar a administração das relações entre os adolescentes e as senhoras de mais idade”.

Em se tratando do perfil e características dos alunos, alguns entrevistados julgaram que os alunos mais jovens demonstram menos comprometimento e interesse do que os alunos mais velhos:

... Os mais jovens, eram mais relaxados. Na mesma turma eu tinha alunos com 18, 19, 20 e poucos anos e eram mais assim, com menos interesse que os de mais idade. (ISABEL)

A dificuldade com relação ao aprendizado tem diferença. Os mais jovens tem mais facilidade com a aprendizagem, mas também tem menos compromisso. (...) Em relação a comportamento, o jovem precisa ser mais disciplinado pelos professores do que os mais velhos. (ANA)

As observações das professoras nos levam a pensar sobre a crescente presença de jovens nos cursos de EJA e como esta nova realidade exige do professor um novo olhar sobre estes alunos, pois são na sua maioria recém egressos da escola regular. (NASCIMENTO, 2001).

Nas análises das entrevistas observa-se que não é possível generalizar e dizer que todos os alunos jovens de EJA são desinteressados. Raquel ao falar dos alunos jovens que recebeu nas salas de EJA enfatiza que eram “pessoas jovens esforçadíssimas”.

Como destaca Carvalho (2010, p.113) “as especificidades dos alunos de EJA são imprescindíveis para compreensão sobre este, entretanto, não deve ser entendida como uma visão homogênea na qual podem-se catalogar todos os alunos”. Assim, entende-se que não se pode categorizar as características dos jovens no que diz respeito ao seu comportamento, ao seu interesse e processo de aprendizagem, pois é preciso considerar as diferenças individuais de cada um.

Novamente nos deparamos com a necessidade dos educadores conhecerem os alunos, para que de fato exista uma educação de qualidade que atenda à necessidade de todos aqueles que freqüentam essa modalidade de ensino. Quanto aos idosos, Isabel e Ana possuem opiniões parecidas no que se refere ao comportamento e interesse dos alunos mais velhos:

Eram muito dedicadas, realizavam todas as tarefas e aquele momento, primeiro assim, depois de muitos anos, o momento em que elas estavam reiniciando os estudos, então achei da parte delas, dessas senhoras, inclusive não só delas mas de todos que tinham a mesma faixa etária, muita dedicação, muita atenção nas aulas (...) tudo que você pedia pra fazer era

realizado, não deixavam de fazer as tarefas, muita dedicação, muita vontade de aprender, de trocar as idéias. (ISABEL)

O mais velho ele vem mais interessado, então ele tem às vezes mais dificuldade na aprendizagem, mas ele também não me dá trabalho pra ficar chamando atenção pra fazer atividade, pra se envolver com aquilo que ele vai fazer (...) porque ele tem interesse. Eles dizem que eles querem correr atrás daquilo que eles não tiveram a oportunidade. (ANA)

De acordo com o relato das professoras, percebe-se que o interesse e a dedicação dos idosos possuem relação com o fato de terem sido privados de estudar na “idade regular”. Como destaca Coura (2008) a falta de escolas públicas, a necessidade de trabalharem precocemente, e a relação da família com o saber escolar, foram motivos que levaram idosos a deixar a escola, ou até mesmo a nunca freqüentá-la.

As experiências dos alunos mais velhos, as situações que já viveram, se tornam exemplos para os jovens. É o que vemos neste trecho da entrevista:

A galera mais jovenzinha quando chega aqui agente tem que “por na forma” um pouquinho. Falar o que é sério, eles vem com aquele pensamento de que o professor não pode chamar a atenção, de que eu faço o que eu quero, eu saio da sala a hora que eu quero, mas depois de uma semana, os adultos já colocam eles na forma. Porque aí eles chamam a atenção: “menino olha a minha vida, o que você quer ser? Você quer chegar na minha idade e estar aqui ainda?”. (ANA)

Nessa perspectiva, Silva propõe aos adultos que acolham esses jovens, e apresentem a realidade do mundo em que estão:

Como se sabe, a juventude se encontra em um ponto de inflexão, a qual coloca em xeque os elementos culturais da geração anterior. No entanto, cabe aos adultos acolher esses novos chegantes, apresentar-lhes o mundo e, junto com eles, interrogá-lo. Ao se responsabilizar pelo trabalho com a cultura, com a memória cultural, devem construir bases para que as novas gerações, apropriando-se do passado, reinventem a vida em comum, realizem o novo de que são portadores, livrem-se do risco de repetir o já feito; afastando o esquecimento, para que o passado não se repita. (2010, p. 151)

Ainda sobre as análises dos dados coletados, verifica-se que embora os entrevistados afirmem que o trabalho na EJA é difícil, é um desafio devido a sua diversidade, afirmam também ser uma experiência positiva, gratificante. Para Raquel, o período em que foi professora de EJA significou “uma riqueza

muito grande a experiência em si. Porque você desestabiliza determinados saberes, determinadas certezas que você tem em relação à sala de aula.”

Não negar as diferenças, considerar as características e especificidades de cada um são fatores importantes a se considerar no trabalho com jovens e idosos, de acordo com a professora Raquel:

(...) cada história é uma história, e eu acho que isso é uma coisa importante, quem trabalha com essa modalidade de ensino ter presente toda essa diversidade, todas essas características que estão presente dentro de uma sala. São muitas histórias e cada história muito diferente uma da outra e quem trabalha tem que estar, além de cuidar do processo de ensino-aprendizagem em si, ficar atento pra lidar com essa diversidade de uma forma construtiva, de uma forma rica e não no sentido de qualificar melhor um e desqualificar o outro.
(RAQUEL)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o número de entrevistas seja pequeno, verificou-se que lidar com a heterogeneidade etária é um desafio para o trabalho docente. Na análise das entrevistas constatou-se a dificuldade dos professores na preparação das aulas, na seleção do material que seria utilizado, pois se preocupavam em atender as diferentes necessidades identificadas em sala.

Os dados empíricos salientaram que ocorrem conflitos entre os grupos e que as relações intergeracionais, algumas vezes, são tratadas como problemas pelos educadores. Verificou-se também que além da dificuldade em lidar com turmas heterogêneas, os professores apresentam em suas falas uma representação de jovem e idoso que nem sempre expressa a realidade.

Desta maneira, conclui-se que a diversidade, não somente a etária, mas a social, cultural, étnico-racial, sexual entre outras, exige do educador dessa modalidade uma formação específica e continuada. Entende-se que o educador que irá trabalhar com a complexidade da EJA, não pode ser um professor aligeirado, ou apenas um voluntariado idealista motivado pela boa vontade (ORTEGA et al., 2003). O campo da Educação de Jovens e Adultos possui especificidades que requer um profissional que esteja preparado para o exercício da função.

Como afirma Sampaio, é importante existir uma metodologia que permita trabalhar com as diferenças, o que significa realizar propostas em que

os diferentes tenham oportunidades de interagir e os sujeitos possam na sua diferença aprender uns com os outros (2010).

O educador precisa conhecer quem são os jovens e idosos que estão freqüentando as salas de EJA, saber suas especificidades e expectativas em relação à educação, para que possam de fato lhes oferecer uma educação de qualidade. É preciso considerar que juventude e velhice não são categorias homogêneas, ou seja, existe heterogeneidade dentro de cada grupo. Portanto, nota-se que é necessário que o educador esteja atento não somente as diferenças etárias, mas a todas as diversidades presentes na EJA.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. *LDB - Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. 5. ed. Distrito Federal: Câmara dos Deputados, 2010. 60 p. (Série Legislação; n. 39)

CARRANO, Paulo. Educação de jovens e adultos e juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. In: *Revej@: revista da educação de jovens e adultos*, v. 1, n.0, ago. 2007. Disponível em: <http://www.reveja.com.br/sites/default/files/REVEJ@_0_PauloCarrano.pdf> Acesso em: 20. fev. 2011.

CARVALHO, Roseli Vaz. *A juventude na educação de jovens e adultos: estudo das práticas pedagógicas no ensino fundamental, fase ii, e ensino médio*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Paraná, 2010.

COURA, Isamara Grazielle Martins. *A terceira idade na educação de jovens e adultos: expectativas e motivações*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2007.

_____. Desejos e desafios de pessoas da terceira idade no processo de escolarização. *Revej@: revista da educação de jovens e adultos*, v. 2, n. 3, dez. 1998. Disponível em: <http://www.reveja.com.br/sites/default/files/REVEJ@_4_Isamara.pdf> Acesso em: 09. out. 2010.

DI PIERRO, Maria Clara; JOIA, Orlando; RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. *Caderno cedes*, Campinas, v.21, n.55,

nov. 2001. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v21n55/5541.pdf>> Acesso em: 11. out. 2010.

HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de jovens e adultos. *Revista brasileira de educação*, Rio de Janeiro, n.14, maio/ago. 2000. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a07.pdf>> Acesso em: 02. out. 2010.

NASCIMENTO, Carmen Teresinha Brunel do. *Jovens no ensino supletivo: reconstituindo trajetórias*. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

NERI, Anita Liberalesco; CACHIONI, Meire. Velhice bem sucedida e educação. In: _____; DEBERT, Guita Grin (Orgs.). *Velhice e sociedade*. Campinas: Papyrus, 1999. 232 p.

ORTEGA, Marta et al. Estudo sobre o perfil do aluno do curso supletivo. In: II Seminário Internacional: educação intercultural, gênero e movimentos sociais: identidade, diferença e mediações, 2003, Florianópolis, SC. *Anais*. Santa Catarina/UFSC, 2003. (p.1-17)

SAMPAIO, Marisa Narcizo. Diferenças e prática pedagógica na EJA. In: XV ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2010, Belo Horizonte. *Anais*. Belo Horizonte: UFMG/ENDIPE, 2010. (p. 2-11)

SANTOS, Andréa Temponi dos; SÁ, Maria Auxiliadora Ávila dos Santos. De volta às aulas: ensino e aprendizagem na terceira idade. In: NERI, Anita Liberalesco; FREIRE, Sueli Aparecida (Org.). *E por falar em boa velhice*. Campinas, SP: Papyrus, 2000. 135p.

SILVA, Ani Martins da. *A suplência no nível médio de ensino pelo desempenho acadêmico em cursos de graduação: um estudo de trajetórias escolares*. 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

SILVA, Jerry Adriani. *Um estudo sobre as especificidades dos/as educandos/as nas propostas pedagógicas de educação de jovens e adultos – EJA: tudo junto e misturado!* 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2010.

VÓVIO, Claudia Lemos. Formação de educadores de jovens e adultos: a apropriação de saberes e práticas conectadas à docência. In: DALBEN, Ângela et al. *Coleção didática e prática de ensino*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

